

RESGATE, PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS: (RE)EXISTÊNCIA CAMPONESA NOS TERRITÓRIOS DO CERRADO EM GOIÁS

Marcelo Rodrigues Mendonça

Professor doutor dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.
Endereço Eletrônico: ufgmendonca@gmail.com

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.
Endereço Eletrônico: ricardoassigeo@gmail.com

Valmir Crispim dos Santos

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.
Endereço Eletrônico: valmircrispim@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa possui como objetivo a compreensão das experiências agroecológicas com resgate, produção e conservação de sementes crioulas, construídas pelos agricultores camponeses nos territórios do Cerrado localizados em Goiás. A proposta relaciona-se também com os processos de resgate, avaliação, caracterização, seleção, instalação de Bancos de Sementes e conservação dos recursos genéticos de variedades crioulas de milho, arroz, feijão e demais cultivos junto as Comunidades Camponesas nos Territórios da Cidadania da Chapada dos Veadeiros e Vale do Paranã. A metodologia utilizada baseia-se em procedimentos no âmbito da pesquisa qualitativa e levantamento de dados quantitativos. Conta-se com pesquisa de campo, revisão bibliográfica, consulta em fontes estatísticas, realização de entrevistas, diário de campo e observação direta. Por conseguinte, investiga-se como os camponeses mantêm a *terra de trabalho* a partir do conhecimento e manejo adequados das sementes crioulas e demais práticas agroecológicas, não utilizando agrotóxicos e diminuindo a dependência em relação ao mercado mundializado de sementes geneticamente modificadas. Isso pode reverberar em políticas públicas e/ou ações capazes de significar maior renda, geração de mais empregos e, principalmente qualidade de vida para milhares de famílias que vivem no campo.

Palavras-Chave: Cerrado. Campesinato. Agroecologia. Soberania Alimentar.

RESCUE, PRODUCTION AND CONSERVATION OF NATIVE SEEDS: PEASANT (RE)EXISTENCE IN THE TERRITORIES OF CERRADO IN GOIÁS

ABSTRACT: This research has aimed to understand the agroecological experiences with rescue, production and conservation of native seeds, built by peasant farmers in the *Cerrado* areas located in Goiás. The proposal also relates with the processes of rescue, evaluation, characterization, selection, installation of Seed Banks and conservation of genetic resources of native seeds such as maize, rice and beans and other cultivars from peasant communities in the territories of *Cidadania da Chapada dos Veadeiros and Vale do Paranã*. The method used is based on procedures in the context of qualitative research and quantitative data collection. It is also used field research, literature review, consultation in statistical sources, interviews, field diary and direct observation.

Therefore, it is investigated how peasants keep the land of work with appropriate knowledge and management of native seeds and other *agroecological* practices, not using pesticides and lowering the dependence to the global market of genetically modified seeds. This can reverberate in public policies and/or actions capable of providing higher income, generating more jobs and, especially, bringing quality of life for thousands of families living in the countryside.

Keywords: *Cerrado*. Peasantry. Agroecology. Food Sovereignty.

Introdução

Teve a semente que atravessar panos podres, criames
De insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais de peixes,
Cacos de vidro etc. – antes de irromper.
Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.
Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa
Obstinação de ver o sol.
Ó absconsos ardores!
É atro o canto com reentrâncias que sai das escórias
De um ser.

Os nascidos de trapo têm mil encolhas...
P.S. No achamento do chão também foram descobertas as origens do vôo.
(Nascimento da palavra. Manoel de Barros, 1989).

As sementes são obras da natureza e resultado das experiências e saberes acumulados por populações camponesas e indígenas. Elas compõem parte essencial da vida e das condições de reprodução da existência e da cultura dos povos, desde a descoberta da agricultura. Assim, as sementes são uma criação coletiva dos povos que refletem a história especialmente das mulheres que foram as primeiras a cultivá-las. Ainda, foram elas que garantiram sua permanência ao longo da história humana e se tornaram suas principais guardiãs.

Assim, as sementes são muito mais que um recurso produtivo das populações camponesas. Nelas se incorporam valores, afetos, visões, mitos, e formas de vida que as ligam ao âmbito do sagrado. Nesse sentido as sementes jamais deverão ser apropriadas por quem quer que seja, devendo ter um caráter de patrimônio coletivo dos povos a serviço da humanidade, nas dimensões materiais e simbólicas.

Elas se constituem, portanto, como meio de sustento e soberania das populações, garantindo a construção histórica e cultural, especialmente das Comunidades Camponesas. A multiplicidade e a existência de sementes permitem assegurar a abundância e a diversidade alimentar em cada localidade, servindo de base para uma alimentação adequada e saudável, permitindo o desenvolvimento das formas culinárias preservadas e desejadas na reprodução cultural da existência humana. Portanto, as sementes, os *saberes-fazeres* e o acúmulo de conhecimentos associados a elas são partes fundamentais e insubstituíveis da soberania alimentar daqueles que as cultivam.

Os homens se relacionam com a natureza a partir do seu processo de produção e trabalho. Entre os camponeses e camponesas essa relação é baseada no cultivo da terra, como uma dimensão cultural que entrelaça diversos sentidos, envolvendo as dimensões materiais e imateriais dos territórios. Assim, neste artigo, propôs-se apreender, através da pesquisa de campo, observação direta, entrevistas e diário de campo, como esses sujeitos marcam e demarcam seus territórios e temporalidades tendo como referências o

tempo da natureza, que é o de plantar, o de colher, o de armazenar, mas também é o de comer e festar.

Com efeito, o que importa é buscar, a partir da leitura geográfica, compreender como a vida nas Comunidades Camponesas e Quilombolas nos território do *Cerrado Goiano* são permeadas por lutas pela permanência na terra, mas também pode ser compreendida nas mais variadas dimensões do ser agricultor através das festividades de santos, das ofertas e recebimentos de demão, mutirões, traições, enfim do trabalho coletivo, que além de firmar laços de solidariedade possibilitam resolver questões pendentes. Assim, propomos compreender o processo de construção da vida desses sujeitos, pautados numa permanência da tradição e da cultura naquilo que podemos afirmar como a preservação da memória do grupo.

Tendo como referência o manejo da diversidade genética, do ponto de vista da pesquisa agrícola, a centralidade do artigo consiste em compreender os processos de resgate, avaliação, caracterização, seleção e conservação dos recursos genéticos de variedades crioulas. Busca ainda o melhoramento participativo em comunidades de agricultura camponesa que desempenham um papel relevante, favorecendo a resolução de problemas comuns como “stress” ambiental, relacionado à fertilidade dos solos e condições climáticas desfavoráveis. Estas práticas podem contribuir para a construção de um ambiente agrícola sustentável, com a elevação de renda e agregação de valores ambientais e sociais, criando as bases para a soberania alimentar das comunidades, que passam a ter autonomia sobre a produção das sementes.

O melhoramento participativo, que é um componente do manejo da diversidade genética, começou a ser delineado no início dos anos 1980 e possui, como ingrediente fundamental, a inclusão sistemática dos conhecimentos, habilidades, experiências, práticas e preferências dos agricultores. Esta modalidade de melhoramento se baseia nos conhecimentos da genética vegetal convencional, da fitopatologia e economia, combinando-os a antropologia, sociologia, conhecimento dos produtores e aos princípios da pesquisa de mercado e desenvolvimento de produtos.

Esta técnica possui múltiplos objetivos, sendo estes mais amplos que o melhoramento formal ou convencional. Tem por metas o ganho de produtividade (comum ao melhoramento convencional), a conservação e promoção do aumento da biodiversidade (criação da variabilidade genética), obtenção e uso de germoplasma de adaptação local (variedades modernas ou locais, dependendo dos objetivos), seleção dentro de populações, avaliação experimental de variedades (também denominada seleção participativa de variedades), lançamento e divulgação de novas variedades, diversificação do sistema produtivo e produção de sementes.

Esse processo foi iniciado nas Comunidades Camponesas do Sudeste Goiano através de parcerias entre a AEPAGO – Associação Estadual de Pequenos Agricultores, CPT – Comissão Pastoral da Terra, MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores com o apoio da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão e diversas parcerias com sindicatos de trabalhadores, empresas e organizações não governamentais. A proposta é ampliar as ações desenvolvidas com êxito no Sudeste Goiano para outras regiões do Estado de Goiás, precisamente as Comunidades Camponesas e Quilombolas e os Assentamentos de Reforma Agrária nos Territórios da Cidadania da Chapada dos Veadeiros e do Vale do Paranã.

Assim, defende-se que o fortalecimento de cultivos e manejo de sementes crioulas associadas à produção agroecológica, podem reverberar em melhoria das condições de trabalho e renda, geração de mais empregos, inclusão socioambiental e, principalmente qualidade de vida para milhares de famílias brasileiras que vivem no campo e nas cidades. Por conseguinte, algumas experiências são destacadas na pesquisa: implantação de cultivos de sementes crioulas em Comunidades Camponesas; registro da instalação dos Bancos de Sementes; a gradativa substituição de insumos químicos por orgânicos; caracterização do aproveitamento dos *saberes-fazeres* das populações tradicionais como forma de fortalecer a preservação ambiental e agregar valores à produção; incremento da produção científica sistematizada (publicações) sobre agroecologia; registro das ações sociais e educativas que promovem o resgate e a valorização da cultura local/regional.

Sementes crioulas e (Re)Existência camponesa

As sementes crioulas compõem a cultura e o trabalho dos camponeses e camponesas que vivem na terra, nos territórios cerradeiros em Goiás. Diante da territorialização e expansão do capital por meio da *agrohidronegócio*, uso de agrotóxicos, sementes transgênicas e os conflitos por terra e água, os *espaços da vida e do trabalho* das Comunidades Camponesas e Quilombolas são crescentemente ameaçados pela expropriação capitalista. No entanto, esses processos também aglutinam (Re)Existências e lutas desses sujeitos no interior da classe trabalhadora, evidenciando a contradição viva, porém, sem perder de vista os significados e as práticas culturais que os constituem. Compreende-se as (Re)existências como um processo de permanência, modificada por uma ação política que se firma nos elementos socioculturais. As (Re)Existências são ações construídas no processo de luta pelos territórios da vida. (MENDONÇA, 2004).

Nas últimas décadas, apesar dos avanços em termos de políticas públicas que beneficiam a agricultura camponesa²⁵⁸, a prioridade da política econômica no Brasil e especialmente nos territórios do Cerrado é fomentar o *agrohidronegócio*, evidenciando-o como se fosse a única forma de uso da terra e da água. Mas, escamoteiam-se os impactos sociais e ambientais, a expropriação de milhares de famílias camponesas, quilombolas e indígenas de suas terras, além de ampliar a pobreza e a miséria nos territórios, enquanto incrementa a produção de *commodities* agrícolas para exportação. No entanto, há exemplos significativos de experiências agroecológicas nos territórios do Cerrado que merecem destaque nesta pesquisa, neste caso, o cultivo e o manejo das sementes crioulas.

Os territórios onde vivem e trabalham os camponeses e demais povos tradicionais em Goiás, tais como os povos quilombolas no Norte e Nordeste de Goiás, geralmente constituem-se de ambientes marginais, onde a agricultura é dominada por variações nas condições agroecológicas e socioeconômicas, sujeitas a *estresses*

²⁵⁸ Como exemplo, cita-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF; Programa de Aquisição de Alimentos – PAA; Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE; Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA etc.

complexos e elevados custos e riscos de produção. Nesses locais, são encontradas inúmeras comunidades carentes com reais problemas vinculadas à fome e a pobreza²⁵⁹.

As ações desenvolvidas junto aos pequenos agricultores (camponeses) das Comunidades Camponesas do Sudeste Goiano redundaram na safra 2009/2010 no cultivo de 271 hectares de milho (sementes crioulas), envolvendo 424 famílias. Foi realizada a I Pamonhada do Milho Crioulo do Sudeste Goiano, veiculada em nível nacional (Globo Rural), melhorando a autoestima dos camponeses e agregando renda e trabalho às atividades já exercidas nas propriedades rurais. Essas medidas estão concatenadas as formas de uso e exploração da terra combinadas com os ambientes de Cerrado, uma vez que, são cultivos que não utilizam agrotóxicos e asseguram a autonomia (soberania alimentar) para os camponeses que passam a ter sementes guardadas em seus paióis (depósitos de alimentos para os animais), se livrando da dependência imposta pelos grandes conglomerados financeiros e industriais transnacionais.

A partir das atividades de pesquisa, extensão e cultura em Comunidades Camponesas e em Assentamentos, acompanha-se e observa-se também as ações realizadas pelo Movimento Camponês Popular – MCP. Assim, algumas experiências foram feitas envolvendo parcerias entre o MCP e a Universidade Federal de Goiás – UFG. Destaca-se, por exemplo, a realização da I Feira e Festa de Sementes, Mudanças e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade, entre os dias 09 e 10/07/2011, no Campus da Universidade Federal de Goiás (UFG) em Catalão/GO. (Foto 01).

Foto 01: Feira Camponesa e troca de sementes crioulas
– Estacionamento do Campus Catalão – UFG.
Julho/2011.



Fonte: Arquivo do GETeM/UFG/CNPq. (2011)

²⁵⁹ Um importante indicador da vulnerabilidade social vivenciada por essas comunidades, por exemplo, é o fato de, no Brasil, da totalidade de famílias quilombolas incluídas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, 75,6% estão no perfil de extrema pobreza, com renda *per capita* mensal igual ou inferior a R\$ 70,00. (IPEA, 2012.p. 69).

A I Feira e Festa de Sementes, Mudanças e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade propiciou o intercâmbio de experiências para discutir a realidade do campesinato brasileiro e temáticas como autonomia camponesa, transgênicos, agrotóxicos e soberania alimentar. Esses temas foram debatidos por pesquisadores, militantes dos movimentos sociais e de organizações camponesas de países africanos como Moçambique e outros.

Com ênfase nas experiências que envolvem a participação do MCP²⁶⁰, destaca-se também as ações de desenvolvimento e melhoramento do Programa de Produção de Sementes Crioulas e Implantação de Bancos de Sementes em Comunidades Camponesas do Estado de Goiás. O MCP criou as condições - durante o ano de 2010 e o início de 2011 - para que mais de mil famílias camponesas desenvolvessem lavouras experimentais em Comunidades Camponesas, para a produção de sementes crioulas de milho, feijão, arroz e mandioca. Ainda, pesquisadores do Curso de Geografia da UFG/Campus Catalão puderam participar da criação e monitoramento de bancos de sementes crioulas implantados no estado de Goiás entre os anos de 2010 e 2012.

O Programa supracitado visava criar um polo de produção de sementes crioulas para abastecer outras regiões do estado de Goiás e outros estados brasileiros. Além disso, procurou sistematizar os trabalhos que já estavam sendo desenvolvidos com sementes de variedades crioulas e fornecer orientações sobre manejo de variedades de leguminosas, com o objetivo de substituir a adubação química pela orgânica.

Ainda com ênfase nas sementes, destaca-se que elas,

[...] são patrimônio da humanidade e os produtores têm o direito de usá-las. Não se pode patentear a vida, motivo pelo qual as patentes das sementes ferem a ética e, nesse sentido, são inaceitáveis. Nenhum país ou produtor tem soberania alimentar e, portanto, política, se suas sementes são controladas por multinacionais. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p. 197).

O desafio, em tempos de economia globalizada e financeirização dos oligopólios, de transgenia, de consumo intenso de agrotóxicos e privatização dos recursos naturais e culturais acumulados historicamente pelos povos do campo, é apontar alternativas solidárias de existência. Daí a importância de recuperar, preservar e multiplicar as sementes, mudas e raças crioulas para então avançar na criação de um projeto de agricultura camponesa para o Brasil, baseado na produção de comida saudável e diversificada, na geração de renda e na autonomia das famílias camponesas, no respeito e valorização da sociobiodiversidade, na prática da agroecologia e na edificação de relações socioeconômicas horizontais de solidariedade e centradas na manutenção da vida.

²⁶⁰ Entre as ações e parcerias desenvolvidas pelo Movimento Camponês Popular (MCP), destaca-se também o Projeto Moradia Camponesa, que se configura como uma das principais experiências realizadas pelo Movimento, permitindo fortalecer a autonomia camponesa. O Projeto de Reforma e Construção da Moradia Camponesa, do MCP, se dá por meio do Plano Nacional de Habitação Rural (PNHR) e em parceria com o governo do estado de Goiás, através da Agência Goiana de Habitação (AGEHAB). Conforme Alves; Mendonça (2013, p. 8), “O projeto de Moradia Camponesa tem conseguido abarcar a totalidade da unidade camponesa, pois além da casa, o projeto propõe a melhoria da renda da família, com a produção de sementes de variedades crioulas, da alimentação com a implantação ou melhoramento de pomar, horta e do embelezamento, com a jardinagem”.

As experiências agroecológicas nos territórios cerradeiros...

A territorialização implica perceber o enraizamento territorial, a valorização do território e o enredamento desse território nas complexas relações globais, garantindo o *marketing territorial*. A valorização das condições naturais-sociais-culturais coloca o território como aberto às inovações, ao progresso, que indubitavelmente atinge todos, seja na rearticulação das elites e das relações de poder, seja enquanto potencializador das mazelas sociais para parcela significativa da população. Se o progresso é portador do capital, ao ser ideologizado pelas elites, se efetiva, enquanto materialidade da produção capitalista. Por isso não se deve desconsiderar os seus aspectos de negatividade, vez que forja um pacto de alianças, não apresentando as contradições que são, inclusive, condição para a sua operacionalização.

A reunificação cidade/campo, patrocinada pelas necessidades de acumulação (autoexpansão) do capital, redimensiona as formas de ocupação e produção com impactos substanciais para os trabalhadores, precisamente, nas suas ações políticas. Alguns elementos não podem ser negligenciados nessa análise, destacando-se a expansão da rede viária e a difusão das informações que atingem os lugares, gerando comportamentos e valores que tendem a ser universais, na medida em que são imposições dos mercados transnacionalizados. Entretanto, há níveis de aceitação e assimilação, a depender da constituição histórica e da composição social e política dos lugares, que podem se colocar abertos às inovações e/ou estabelecer resistências parciais ou totais à inserção aos novos parâmetros produtivos.

As chapadas nos territórios do Cerrado, por exemplo, foram ocupadas pela agricultura moderna e comercial com as empresas rurais, e as bordas, vertentes e fundos de vale permaneceram ocupados pela agricultura tradicional e camponesa, cada vez mais precarizada diante do parcelamento por heranças e, mais recentemente, a agressão pela construção das hidrelétricas – compondo a expansão do *agrohidronegócio* nos territórios cerradeiros. Assim, compreende-se que o resgate dos cultivos e das culturas de sementes crioulas contrapõe-se a lógica do *agrohidronegócio*. Constitui-se como uma alternativa socioeconômica e ambientalmente adequada, na medida em que, não utiliza agrotóxicos e implementa práticas de manejo coadunadas com as condições edafoclimáticas do Cerrado.

O contraponto às teses que apresentam a homogeneização espacial a partir da modernização conservadora da agricultura, centrada nas grandes empresas rurais (agronegócio) que promovem intensa devastação ambiental e não cumprem a legislação trabalhista é construído pelos *Povos Cerradeiros*. As pesquisas que tratam da modernização da agricultura nas áreas de Cerrado enfatizam as transformações espaciais (sociais e ambientais) a partir de duas opções teórico-metodológicas. De um lado, lamentam as mazelas sociais descrevendo e caracterizando, minuciosamente, a condição imposta aos camponeses e *trabalhadores da terra*, sem, contudo, considerar as alternativas viáveis e exequíveis que, historicamente, foram e continuam sendo implementadas pelos *Povos Cerradeiros*. De outro, fazem uma apologia ao modelo adotado – o agronegócio – que assegura produção e produtividade de grãos essenciais ao “bem-estar da humanidade” e, por isso, sem qualquer possibilidade de ser indagado. (MENDONÇA, 2004).

Na origem, essas duas abordagens se assemelham, pois acabam por apresentar um quadro que reforça as necessidades do capital e as estratégias de controle social, não considerando as perspectivas políticas construídas pelos trabalhadores. Aos camponeses e *trabalhadores da terra* que não foram expulsos restaram às áreas dissecadas (fundos

de vales), que não puderam ser incorporados pela agricultura moderna em virtude das condições orográficas.

No Nordeste Goiano há diversos usos e formas de exploração da terra, destacando-se a recente territorialização das empresas rurais modernas com predominância do cultivo de soja, milho etc., efetuado em grandes propriedades tecnificadas numa dependência permanente aos insumos e agrotóxicos impostos pelo paradigma da modernização do capital.

Por outro lado, persistem, precisamente nas áreas de relevo enrugado e naquelas próximas aos centros urbanos, a agricultura camponesa, evidenciando uma tendência crescente, majoritariamente exercida por pequenos produtores que sobrevivem mediante a estratégia de combinação de práticas de ajuda mútua (mutirão, demão) com trabalho familiar e uma crescente especialização/diversificação dos cultivos, visando a reprodução social da família.

As Comunidades Quilombolas e Assentamentos Rurais são marcados por fortes tradições culturais que se manifestam em festas, histórias, compadrio e teias de relações sociais que são preservadas e cultivadas pelos moradores. Assim apresentam manifestações sociais e culturais que visam o resgate das sementes crioulas, coadunadas com as vivências e as experiências na comunidade e melhorando, significativamente, a alimentação dos *sujeitos da terra*. As sementes crioulas de milho se são ainda preservadas, tem essa preservação vinculada à própria resistência camponesa que são típicas dos camponeses. Daí a importância de se conhecer e valorizar essas tradições que são manifestadas em festas de santos, de compadrios, de mutirões de ajuda mútua e por costumeiras visitas entre as famílias.

Ainda, consideram-se as relações entre as práticas socioculturais e o cultivo de sementes crioulas e o que tais sementes significam frente à avalanche dos transgênicos, das multinacionais e da pressão do latifúndio e do agronegócio. A agricultura camponesa sobrevive a milhares de anos e se ainda não conseguiu “acabar” com a fome no mundo, pelo menos possibilita a segurança alimentar para milhões de pessoas.

O resgate, a produção, a seleção e a conservação de sementes crioulas nas Comunidades Camponesas e a criação dos bancos de sementes revigora os valores (tradição) dos camponeses, pois alguns ainda cultivam sementes crioulas para o consumo doméstico. O incentivo a constituição do banco de sementes crioulas significa uma nova etapa nas ações desenvolvidas pelas Comunidades, intensificando a produção, a conservação e a comercialização das sementes, subsidiando a expansão do agrossistema orgânico na região.

As sementes crioulas (banco de sementes) podem ser compradas pela CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento, ampliando a renda dessas famílias, gerando empregos e assegurando qualidade de vida de forma sustentável. Ainda, essas sementes são disponibilizadas, gratuitamente, para outras Comunidades, assegurando a transição agroecológica no Estado de Goiás. Nesse sentido, a agricultura familiar/camponesa além de fonte importante da produção nacional de alimentos básicos, gera empregos e contribui de forma muito positiva na fixação da família da terra e na preservação do meio ambiente.

Assim, alimentação saudável, introdução de novos hábitos alimentares, educação e proteção ambiental, permanência dos agricultores no campo, valorização da produção regional e resgate da cultura do meio rural, são perspectivas que serão desenvolvidas junto às Comunidades Camponesas e quilombolas, para que as pessoas valorizem o meio rural da sua localidade.

Dessa forma, torna-se necessário que se ampliem ações e estratégias que visem contribuir para a melhoria das condições de vida dos camponeses. Nessa perspectiva

nos propomos a contribuir a partir dos elementos constitutivos dos modos de vida presentes nas Comunidades Quilombolas e Assentamentos Rurais nos Territórios da Cidadania da Chapada dos Veadeiros e Vale do Paranã, valorizando e resgatando a produção e a cultura do meio rural.

Assim, há necessidade de se efetivar ações que apropriadas pelos agricultores possam assegurar a sustentabilidade social e ambiental a partir da compreensão e do registro do processo de implantação nas Comunidades de lavouras experimentais (coletivas e individuais) para o resgate, a produção e a conservação de sementes crioulas, assegurando a melhoria da alimentação, tanto em quantidade, quanto em qualidade. Pontua-se a importância do desenvolvimento de estratégias e ações de informação, educação, comunicação e mobilização para promover uma alimentação adequada e saudável para as populações camponesas e quilombolas. Para isso, é preciso atender as demandas das Comunidades Camponesas, Comunidades Quilombolas e Assentamentos Rurais nos territórios cerradeiros em Goiás, permitindo o resgate, a produção e a conservação das sementes crioulas, fortalecendo a sustentabilidade socioambiental no campo a partir das experiências agroecológicas.

A cada dia novas formas de parceria entre governos, entidades não-governamentais, organizações de base, instituições de pesquisa, e grupos comunitários locais estão experimentando novas maneiras de trabalhar com comunidades locais, somando esforços para melhorar a qualidade de vida da população, especialmente a mais pobre e desassistida.

Por fim, e não menos importante, é necessário ao lidar com os sujeitos camponeses, quilombolas, indígenas etc., incorporar os princípios que possibilitem a esses *sujeitos da terra*, como mencionou a Profa Dra Vera Lúcia Salazar Pessoa, em recente palestra na UFG Campus Catalão, condições de manejo da natureza para que na *produção social dos territórios*, possam manter e reinventar suas cosmovisões específicas – formas de vida resultantes de uma interpretação da relação homem/natureza que estabelece a articulação de elementos para usos múltiplos da natureza - mediante as quais desenvolvem processos de produção e reprodução sociais, culturais e econômicos sustentáveis ao manter as bases bióticas e identitárias dos territórios. É necessário assegurar formas de manejar os recursos naturais que permitem a reprodução do homem e da natureza (que são um todo) conservando a biodiversidade ecológica e sociocultural. Assim, pontua-se a necessidade de fortalecer a importância da agroecologia na geração de renda para as famílias camponesas. Para assegurar essa compreensão, algumas falácias reproduzidas pelos detratores da agroecologia precisam ser desveladas. Conforme Machado; Machado Filho (2014, p. 193),

Os detratores da agroecologia apregoam uma falácia, dizem que “a agroecologia demanda tempo e as produções são menos que no agronegócio”. Isso é falso. No que tange às produções, como foi dito anteriormente, são iguais ou superiores às verificadas no agronegócio; em relação ao tempo, a agroecologia começa a apresentar resultados positivos no dia seguinte à sua implantação correta, e os rendimentos, como também já mencionado, eles são iguais ou superiores aos do agronegócio, com a inquestionável vantagem de respeitar o ambiente.

Assim, as práticas agroecológicas relacionadas aos cultivos e manejo de sementes crioulas possibilitam condições de produção de alimentos com sustentabilidade socioambiental no âmbito da agricultura camponesa. A agroecologia é uma forma de entender e atuar para campenisar a agricultura, a pecuária, o florestamento e o agroextrativismo, a partir de uma consciência intergeracional.

Portanto, a atividade de pesquisa nas Comunidades Camponesas, Quilombolas e Assentamentos Rurais torna-se fundamental e condição imprescindível para que atividades sustentáveis se estabeleçam e tenham durabilidade, pois a participação popular possibilita e assegura a continuidade das ações independentes dos programas ou projetos que estejam sendo implantados nos territórios *cerradeiros* em Goiás.

Considerações Finais

A vida nas Comunidades Camponesas Quilombolas e Assentamentos Rurais em Goiás é permeada por lutas pela *entrada* e pela permanência na terra, mas também por variadas dimensões do ser camponês, como as práticas socioculturais, as manifestações religiosas e as ofertas e recebimentos de demão, os mutirões, as “traições”, enfim, o trabalho coletivo, o manejo e conservação de sementes crioulas, que firmam e estabelecem laços de solidariedade, possibilitando resolver questões do cotidiano. Compreender e caracterizar os processos de vida desses sujeitos, a partir da permanência da tradição e da cultura, modificadas, com o intuito de assegurar a sustentabilidade socioambiental é parte dos resultados que foram apresentados nesta pesquisa.

Assim, as experiências agroecológicas identificadas nos territórios do Cerrado onde vivem e trabalham os camponeses e *trabalhadores da terra* pesquisados, permitem demonstrar que é possível construir a efetiva transformação do modelo químico para o modelo agroecológico, evidenciando a transição agroecológica com manejo sustentável das atividades de produção de alimentos no campo. Além disso, destaca-se que por meio dos exemplos destacados na pesquisa, foi constatada a melhoria na qualidade de vida daqueles que praticam agroecologia, com ampliação da renda, valorização dos modos de vida locais e regionais, estimulando a permanência na terra com dignidade.

Por fim, os resultados apresentados no artigo evidenciam a necessidade de potencializar as experiências agroecológicas com resgate, produção, conservação e manejo de sementes crioulas junto aos camponeses. Permite ainda demonstrar a necessidade do fortalecimento e da construção de novas políticas públicas para o campo brasileiro, valorizando as dimensões práticas e pedagógicas da agroecologia nos territórios *cerradeiros* em Goiás.

Referências

ALVES, S. A.; MENDONÇA, M. R. A moradia como conquista das mulheres no Movimento Camponês Popular – MCP em Goiás/Brasil. 2013. In: Anais do Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2013, Lima (Perú). **CD-Room**, Lima, 2013. p. 1-16.

CAPORAL, F. R.; RAMOS, L. F. Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável. 2006b. In: CONTI, I. L.; PIES, M.; CECCONELLO, R. (Org.) **Agricultura familiar**: caminhos e transições. Passo Fundo, IFIBE, 2006. pp. 209-235.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília, MDA/SAF, 2004b. (3ª ed., 2007).

CARVALHO, H. M. (Org.). **O campesinato no século XXI**: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005.
FERNANDES, O. **A questão agrária no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 1997.

GÖRGËN, S. A. **Os novos desafios da agricultura camponesa**. 2. ed., Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

IPEA. **Quilombos das Américas**: articulação de comunidades afro-rurais. Documento síntese. Brasília: Ipea: SEPPIR, 2012.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MENDONÇA, M. R. A urdidura do trabalho e do capital no Cerrado do Sudeste Goiano. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MENDONÇA, M. R.; MESQUITA, H. A. O agrohíbrido no Cerrado goiano: construção das (re)existências. In: **Anais** do I Encontro Latino-americano Ciências Sociales y Represas, 2007, Salvador (BA). CD-Room, Salvador, 2007. p. 1-17.

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia**: práticas e saberes. Gráfica Modelo, 2. ed., 2012.